

*Recensões*

MOREIRA, Adriano. *Ciência Política*. 2. Ed. fac-similar. Recife: Massangana, 1999. 438 p.

*Ciência Política* de Adriano Moreira volta ao Brasil, de onde se originou em cursos aqui pronunciados em meados da década de 1970. Apesar da sua permanência como professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e membro do Conselho de Curadores da Universidade Cândido Mendes, ademais de outras importantes atividades, Adriano Moreira é conhecido principalmente pelo círculo de lusófilos brasileiros. Merece ir muito além, pelo interesse das investigações suas sempre se renovando, do Direito Público à Ciência Política na área de convergência de uma Teoria do Estado dinâmica e atualizada. Projetando-se à *Teoria das Relações Internacionais*, título mesmo de outro paradigmático livro seu.

A segunda edição brasileira, após várias reimpressões da primeira em Portugal, traz um prefácio específico, em memória de Gilberto Freyre, no qual evoca o conceito gilbertiano de “quase”, cada vez mais atual nas Ciências Sociais numa época de outra internacionalização cíclica, agora pela eletrônica e informática: a “quase” nova cidadania mundial; os novos agentes internacionais “quase” autônomos; empresas transnacionais (partindo sempre de uma base), “talvez”, outro conceito gilbertiano, “quase” multinacionais no sentido de co-participação nas suas origens e decisões.

Assim, com realista relativismo, embora a partir de conceitos humanistas universais, *Ciência Política* vem de definições iniciais do que ela seja, em diversas perspectivas ideológicas. Em seguida o autor se detém mais na metodologia. As ideologias voltarão no fim do livro, “quase” um eterno retorno...

Mas a metodologia de Adriano Moreira apresenta-se rigorosa, pelos renovados racionalismo (da teoria dos jogos), funcionalismo (por Robert King Merton), perspectiva sistêmica (Parsons-Easton-Deutsch), em suas hipóteses de trabalho e técnicas de pesquisa.

O objeto de todos estes estudos: o Poder e não só do Estado, também e crescentemente o da sociedade civil, instituições intermediárias organizadas entre o indivíduo e o Estado, por Tocqueville consideradas (em livro clássico de experiências de 1825, *A Democracia na América*) como uma das chaves para se entender o exitoso funcionamento dos Estados Unidos. Conceito, aplicado mais universalmente, pelo Papa João XXIII, na encíclica *Pacem in Terris*, aliás, numa linha provindo de Leão XIII.

Até que ponto pode vir a existir uma efetiva, isto é, com poder, sociedade civil mundial? O poder político mundial como uma confederação de ONGs (Organizações Não-Governamentais), sindicatos de empregados e de empregadores, empresas transnacionais a realmente multinacionais?

Não se trata de antecipar nada. O autor é objetivo e prudente, inclusive com importantes vivências políticas pessoais. Não fecha nenhuma questão, informa com dados, mas nisto não se detém, contribui para formar através de pontos de partida muito éticos.

No quadro apontado pelo autor na edição em Portugal (“a presença da literatura americana é no Brasil muito dominante em relação à literatura europeia”), surge especialmente oportuno o conhecimento desta vertente europeia portuguesa no estudo da Ciência Política.

Vamireh Chacon  
Universidade de Brasília